



O GEPEDISC CULTURAS INFANTIS CELEBRA OS 30 ANOS DO NUPEIN: POR UMA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA À BRASILEIRA!

***Gepedisc Culturas Infantis* celebrates the 30th anniversary of NUPEIN: for the Brazilian Childhood Pedagogy!**

Ana Lúcia Goulart de **FARIA**

Departamento de Ciências Sociais na Educação
Universidade Estadual de Campinas
São Paulo, Brasil

cripeq@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1886-3790> 

Adriana Alves da **SILVA**

Departamento de Pedagogia
Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

silvaida07@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1407-783X> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

A partir da proposta-convite para compor o presente dossiê, Perspectivas de Pesquisa na Educação infantil: 30 anos de trajetória, a linha Culturas Infantis do GEPEDISC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural) do Departamento de Ciências Sociais na Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP, traz para esta celebração (que também está festejando em 2021) nossos 25 anos de estudos e pesquisas que pensam e fazem Política no contexto da Universidade Pública. Sempre atuando no tripé indissociável: ensino/pesquisa/extensão na produção de conhecimentos com contradições, disputas de ideias e concepções que transitam entre o marxismo e o pensamento pós-colonialista, por meio de interlocuções de pesquisa, pedagogias e políticas na área da Educação Infantil no Brasil. Nesta perspectiva, nosso texto para celebrar os 30 anos do NUPEIN vai também *femenagear* suas fundadoras, Eloisa Rocha, primeira doutoranda do Gepedisc-linha culturas infantis, que criou o termo Pedagogia da Infância, em seu doutorado, e Bea Cerisara, que problematizou a feminização docente na Educação Infantil. Buscamos, desta maneira, nos contrapor ao pensamento eurocêntrico, adultocêntrico, patriarcal, racista e heteronormativo que tenta formatar e homogeneizar as crianças e suas infâncias, e neste sentido declaramos com Oswald de Andrade e o Manifesto Antropófago (1928): "Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida".

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia da Infância. Educação Infantil. Pesquisa-Pedagogias-Políticas.

ABSTRACT

Based on the invitation/proposal to compose the present dossier, Research Perspectives on Early Childhood Education: 30 years of trajectory, the *culturas infantis* research line of GEPEDISC (Group of Studies and Research in Education and Sociocultural Differentiation) of the Department of Social Sciences in Education at the Faculty of Education of UNICAMP brings to this celebration (which is also celebrating in 2021) our 25 years of studies and research that think and make Public Policy in the context of public University. Acting on the inseparable tripod: teaching / research / extension in the production of knowledge with contradictions, disputes of ideas, and concepts that move between Marxism and the post-colonialist thinking, by means of interlocutions of research, pedagogies, and policies in the field of Early Childhood Education in Brazil. In this perspective, our text to celebrate NUPEIN's 30th anniversary will also pay

homage to¹ its founders, Eloisa Rocha, the first Ph.D. student in the *Gepedisc Culturas Infantis*, who created the term Childhood Pedagogy in her doctorate, and Bea Cerisara, who problematized the teaching feminization in Early Childhood Education. We seek, thus, to oppose the Eurocentric, adult-centric, patriarchal, racist, and heteronormative thinking that tries to format and homogenize children and their childhoods, and in this sense, we declare with *Oswald de Andrade* and his *Manifesto Antropófago* (1928): "Against all importers of canned conscience. The palpable existence of life".

KEYWORDS: Childhoods Pedagogy. Early Childhood Education. Research-Pedagogy-Public Policy.

INTRODUÇÃO

Acolhendo a proposta-convite para compor o dossiê Perspectivas de Pesquisa na Educação infantil: 30 anos de trajetória, a linha Culturas Infantis do GEPEDISC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural), do Departamento de Ciências Sociais na Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP, traz como posicionalidade inicial seu investimento há vinte e cinco anos em estudos e pesquisas que pensam e fazem política no contexto da Universidade Pública, atuando na produção do conhecimento com contradições, disputas de ideias e concepções que transitam entre o marxismo e o pensamento pós-colonialista.

Nesta perspectiva, buscamos contribuir para a construção de uma Pedagogia da Infância brasileira, considerando nesta constelação o trabalho de pesquisa de Eloisa Rocha, uma das pesquisadoras fundadoras do NUPEIN – Núcleo de Pesquisa Educação Infantil da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, que, em 2021, celebra seus trinta anos de trajetória; e nós, do Gepedisc, reverenciamos e buscaremos, neste ensaio constelar, frisar nossas interlocuções de pesquisa, pedagogias e políticas na área da Educação Infantil no Brasil.

Salientamos, de início, a importância histórica do trabalho de pesquisa da Eloisa Rocha (1999), que criou o termo *pedagogia da infância* em seu doutorado, ciência da prática sem complexo de inferioridade (inspirada no italiano Ricardo Mazza, da Universidade Milano Bicocca). Sua pesquisa, assim como as nossas, do Gepedisc-Culturas Infantis, são fundamentais e inspiradas nas culturas infantis e nos teóricos que pensam *com, nas e sobre* as crianças, como Loris Malaguzzi (1999), dentre outros/as e dos/as que não pensaram especificamente as crianças, mas que pensaram em *todes*, como Mario de Andrade e os modernistas com quem questionamos: "Tupi, or not tupi that is the question" (ANDRADE, 1990).

¹ The original text in Portuguese uses a neologism: "femenagear", which is a pun comprised of the verb "homenagear" (to pay homage to someone) and the words "homem" (man) and "fêmea" (female). By switching the prefix of the verb "homen" for "femen", the authors create a new verb emphasizing the idea of paying homage specifically to the women cited in the text (Translator's Note).

Desta maneira, temos a intencionalidade de nos contrapor ao pensamento eurocêntrico, patriarcal, racista e heteronormativo que tenta formatar e homogeneizar as crianças e suas infâncias, e, neste sentido, declaramos: “Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida.” (ANDRADE, 1990, p. 48).

E é a partir da vida e da pluralidade das infâncias brasileiras que seguimos em nossos estudos e pesquisas. Atuamos politicamente reivindicando o direito à diferença, e estamos juntas/os das crianças na luta por direitos e na valorização da vida e das culturas infantis, celebrando, nestes tempos sombrios, os trinta anos da ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), criado a partir de muita luta em torno da democratização brasileira, após a ditadura militar que assolou o país por trinta anos, vivenciando muitos retrocessos; portanto, o direito à infância é uma luta constante.

As investigações abrangem uma pluralidade de temas que reconhecem as especificidades e a diversidade das crianças pequenas e as intersecções entre as categorias de classe, raça/etnia e gênero. Abordamos em nossas pesquisas questões de cunho metodológico pautadas no tripé Arte, Política e Pedagogia. Assim como no Manifesto Antropofágico, optamos pela subversão e transgressão.

Como símbolo da devoração, a Antropofagia é a um tempo metáfora, diagnóstico e terapêutico: metáfora orgânica, inspirada na cerimônia guerreira da imolação pelos tupis do inimigo valente apresado em combate, englobando tudo quanto deveríamos repudiar, assimilar e superar para a conquista de nossa autonomia intelectual; diagnóstico da sociedade brasileira como sociedade traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento, e cujo modelo terá sido a repressão da própria antropofagia ritual pelos jesuítas; e terapêutica, por meio dessa reação violenta e sistemática, contra os mecanismos sociais e políticos, os hábitos intelectuais, as manifestações literárias e artísticas, que, até a primeira década do século XX, fizeram do trauma repressivo, de que a Cataquese constituiria a causa exemplar, uma instância censora, um Superego coletivo. Nesse contexto sob forma de ataque verbal, pela sátira e pela crítica, a terapêutica empregaria o mesmo instinto antropofágico outrora recalcado, então liberado numa catarse imaginária do espírito nacional. E esse mesmo remédio drástico, salvador, serviria de tônico reconstituente para a convalescença intelectual do país e de vitamina ativadora de seu desenvolvimento futuro. A jocosa alternativa do dilema hamletiano parodiado – Tupy or not tupy, that is the question -, que parece ter sido a cédula verbal originária do Manifesto, resolve-se numa rebelião completa e permanente. (NUNES, 1990, p.16).

Problematizamos a partir do manifesto antropófago a desarticulação da forma e do conteúdo, engessada pelo pensamento cartesiano, ao buscar, a partir dos fragmentos identitários que compõem a cultura brasileira, rompendo com possíveis binarismos e antagonismos, contradições que também podem ser visualizadas no manifesto antropófago.

Dessa maneira, descolonizamos nossos olhares e sentidos para a produção das culturas infantis, presente nas brincadeiras das crianças em seus coletivos, para que possam, em condições dadas, criadas, inventadas, viver suas infâncias, sempre alinhadas com o compromisso político de estar com as crianças pequenas, questionando sua educação antecipadamente escolarizada.

Pautamo-nos no arcabouço teórico da Sociologia da Infância no Brasil, processo epistemológico de descolonização do pensamento, especialmente na Pedagogia da Infância, com abordagem nas Ciências Sociais, visando à importância dos coletivos infantis nas creches e pré-escolas, primeira etapa da Educação Básica e nos estudos pós-colonialistas. Investigamos a formação docente e a dimensão brincalhona necessária para a promoção das culturas infantis nos espaços educativos públicos, laicos, gratuitos e de qualidade, que são as creches e as pré-escolas.

Por nós, criancistas e criançólogas, feministas engajadas na luta anticolonialista, antirracista e antipatriarcado, a Educação Infantil em creches e pré-escolas públicas constitui espaços-tempos de possibilidades, territórios da infância, oásis - parques infantis-tanques de vadar em um projeto político coletivo de uma educação emancipatória.

As resistências das crianças pequenas no campo social nos inspiram a questionar formas de sentir, ver e ouvir, quebrar modelos e fôrmas. Nesta direção, seguindo as crianças, as infâncias brasileiras, múltiplas e diversas, propomos um percurso reflexivo a respeito das perspectivas e interlocuções de pesquisa na e sobre a Educação Infantil no Brasil, tendo três eixos de reflexão. O primeiro, da Pedagogia da Infância em movimento, do estado da arte, realizado no doutorado da Eloisa Rocha (1999), com alguns apontamentos da Pedagogia na Educação infantil que está emergindo e sendo consolidada hoje, mesmo em tempos pandêmicos, de resistência, transgressão e em defesa da infância, da educação e da vida.

O segundo eixo tece algumas reflexões acerca da feminização docente na Educação Infantil, ressaltando o pioneirismo da pesquisa de Bea Cerisara (1996). E, por fim, no terceiro eixo, entrelaçando os fios da pesquisa, das pedagogias e das políticas: tramas e dramas de luta enredam a Educação Infantil que temos e que queremos, para que serve a utopia?

Temos o desafio de retomarmos a reflexão que envolve os princípios tão caros aos nossos referenciais curriculares na Educação Infantil, da estética, da ética e da política, que, tão indissociáveis como a educação e o cuidado, permeiam nossas escolhas, posicionamentos políticos e ações concretas em defesa aos direitos das

crianças, ou aos planos e metas dos organismos multilaterais que disputam a educação brasileira.

POR UMA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA À BRASILEIRA: ESTADO DA ARTE DE UM MOVIMENTO EMERGENTE EM CURSO COM AS CONTRIBUIÇÕES PIONEIRAS DE ELOISA ROCHA

A Pedagogia da Educação Infantil definida por Rocha (1999) vem se consolidando a partir da expansão pós LDB da Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica em creches e pré-escolas, em um movimento de crítica e criação multidisciplinar, com foco nos processos educativos de apropriação e produção das culturas infantis.

Em seu trabalho, Eloisa Rocha abordou, de maneira inovadora e fundamental, o processo de consolidação de um campo de pesquisa, problematizando as intrincadas relações entre a infância e a pedagogia, com suas dimensões de poder e saber que permeiam as relações sociais, sem aumentar o poder sobre as crianças, numa visão antiadultocêntrica.

Nesta perspectiva, tratou-se de uma grande contribuição para localizar as questões da pequena infância no campo educacional, dissociando-a da assistência social, bem como da escolarização antecipada, buscando dar visibilidade a um movimento emergente de constituição de campo, com novas pedagogias e políticas.

Cabe ressaltar que a articulação das pedagogias e políticas pôde ser observada e vivenciada pela pesquisadora, assim como a sua participação ativa e seu respectivo grupo de pesquisa no GT 7 da ANPED, *locus* central da coleta de dados em relação à consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil.

Localizada em um período histórico incipiente da Educação Infantil brasileira, pós LDB, a pesquisa apontou a variedade de cruzamentos disciplinares, sobretudo na ANPED, e a dificuldade de mapeamento fora desse âmbito circunscrito, assim como a autoria das pesquisas, em sua grande maioria realizada por mulheres e os desafios da divulgação científica, bem como das questões dinâmicas que envolvem esse campo em construção.

No âmbito do Gepedisc Culturas Infantis, o doutoramento com esse inovador estado da arte da Eloisa Rocha marcou a primeira tese defendida no grupo, que tem em sua metodologia um trabalho coletivo entre as/os pesquisadoras/es de diferentes entidades científicas (Anped, SBPC, ABA, ANPOCs, Sociedade de Psicologia, ANPHU), pesquisas que, ao longo destas duas décadas, vêm se debruçando na produção das culturas infantis, das pedagogias da escuta, das diferenças e das relações, já então

atentas ao que hoje as feministas negras denominam interseccionalidade de gênero, raça/etnia, classe e idade e as políticas da Educação Infantil. Cabe destacar que o doutorado de Eloisa denuncia a ausência das pesquisas com a infância, principalmente com a pequena infância, e também a ausência das pesquisas das relações de gênero.

Ao longo destas mais de duas décadas, foram defendidas dezessete dissertações de mestrado, dezesseis teses de doutorado e muitos TCC; dentre outros trabalhos, destacamos a diversidade de pesquisas que passaram das relações de gênero entre as crianças (GOBBI, 1997; FINCO, 2004) às intersecções entre o processo de racialização e as relações de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0-3 anos em creche (SANTIAGO, 2019), passando por uma etnografia das diferenças na Educação Infantil a partir dos debates da ideologia de gênero, problematizando os Legisladores do Desejo (BARREIRO, 2019), abordando a luta de classes do ponto de vista das crianças pequeninhas (MACEDO, 2016; ROSA, 2009; DIAS, 2005), do direito à creche e a luta das mulheres (SCHIFINO, 2012), a creche da Unicamp (FAGUNDES, 1997), as cirandas infantis do MST (ROSSETO, 2016) às crianças Guarani/Kaiowá: o mitã na Aldeia Pirakuá/MS (NOAL, 2006), o bilinguismo e as crianças pomeranes (SILLER, 2011). Pesquisas que abordaram a complexidade da formação docente das professoras de Educação Infantil (DRUMMOND, 2014; SILVA, 2003; BUFALO, 2009; ÁVILA, 2002), que se debruçaram de distintas formas nas políticas (CARVALHO, 2006; CANAVIEIRA, 2010), que investigaram a organização do trabalho pedagógico, as rotinas do educar e do cuidar (BARBOSA, 2001; JUNQUEIRA, 2006; BUFALO, 1997) às que investiram nas interlocuções com as artes e as linguagens (GOBBI, 2004; PIRES, 2006; SILVA, 2014; SILVA, 2012).

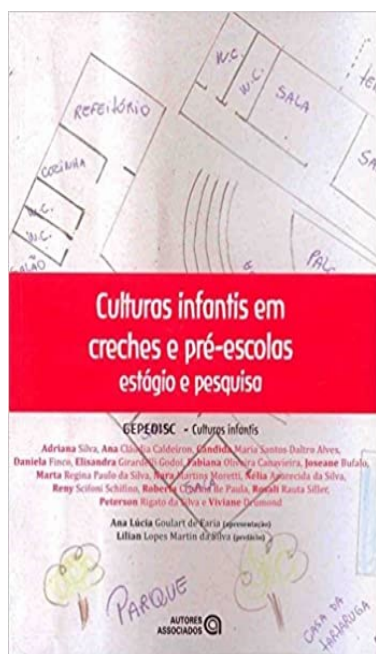
Também destacamos nestes 25 anos de atuação do grupo, os 72 Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC's, que marcam a demanda e profícua produção pelas/os estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, na área da Educação Infantil e da produção das culturas infantis, considerando neste processo uma intensa articulação com as redes públicas de educação do município de Campinas e toda a sua região metropolitana.

Destas produções, interlocuções e participações em seminários, congressos, eventos de divulgação científica também foram organizadas publicações que buscaram coletivamente contribuir na distribuição da produção de conhecimento envolvendo as/os pesquisadoras/es do grupo.

Dentre outras destacamos três produções que, articuladas com o ensino, a pesquisa e a extensão exemplificam a proposição de publicar como um ato político de

compromisso com a universidade pública, com a Educação Infantil, a Pedagogia da Infância, os direitos das crianças, e as muitas lutas que envolvem a conquista de direitos no Brasil.

Imagem 1: Capas de publicações coletivas do Gepedisc Culturas Infantis.



Fonte: Acervo pessoal.

REFLEXÕES SOBRE A FEMINIZAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PIONEIRISMO DA PESQUISA DE BEA CERISARA

Também queremos destacar as contribuições do NUPEIN, no percurso que a docência que vem sendo inventada na Educação Infantil é marcada por uma positividade da sua feminização histórica, como revelou a pesquisa da nossa saudosa Bea Cerisara (1996), há mais de vinte anos, nas complexas tramas da maternagem e dos preconceitos nas relações de educação e cuidado, presentes na divisão sexual do trabalho com contradições e possibilidades. Além de pioneira em sua pesquisa, ao destacar a positividade do feminino no trabalho docente na creche, mesmo ao se afastar do contexto acadêmico, sempre com suas gargalhadas e alegria contagiante, instigava-nos à rebeldia, à desobediência civil, hoje tão necessária neste momento político de trágicos retrocessos na Educação Infantil. (FINCO; SILVA; FARIA, 2018).

Nesta direção apontada pela pesquisa da Bea Cerisara, assim como a de sua doutoranda, a saudosa Debora Sayão, acerca das complexidades das relações de gênero na docência na Educação Infantil em creche, inclusive com pesquisa pioneira mostrando

a presença de homens na docência (2005), destacamos que esses questionamentos também estão situados em nossa trajetória de pesquisa, extensão e articulação política no Gepedisc Culturas Infantis, em torno de proposições do Simpósio Temático Creche e Feminismo, no Seminário Internacional Fazendo Gênero, importante evento multidisciplinar na área de gênero e estudos feministas, envolvendo academia e movimentos sociais, realizado periodicamente na Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir ou em conexão com a experiência desse evento, organizamos três publicações: *Creche e Feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora* (FINCO; GOBBI; FARIA, 2015), *Porque a creche é uma luta das mulheres: inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade!* (TELES; SANTIAGO; FARIA, 2018) e *"Isso aí é RACHISMO! Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras* (SILVA; FARIA; FINCO, 2019), na interlocução com pesquisadoras/es de diversas regiões do país.

Cabe também destacar que esse movimento de divulgação científica se insere em um contexto de pesquisas acerca das relações de gênero, analisando as culturas infantis e as relações de poder entre as meninas pequenas e os meninos pequenos de 0 a 6 anos, visualizando a pedagogia das relações entre elas/es e entre elas/es e as/os profissionais docentes de creche e pré-escola, com um preliminar Estado da Arte publicado nos *Cadernos Pagu*, em 2006. (FARIA, 2006). Estado da arte em constante movimento, atualizado com pesquisas realizadas até 2016 e ainda esparsas na área da Educação Infantil, com foco na luta feminista e nos estudos de gênero, contribuindo para as modificações no cotidiano da educação da pequena infância e na construção de uma pedagogia não sexista. (SILVA; SILVA; FINCO, 2020).

Outra perspectiva de pesquisa e extensão no âmbito do grupo, tem sido as articulações envolvendo a formação continuada em creches e pré-escolas, em uma perspectiva de despatriarcalização das creches (SILVA; MACEDO, 2018), tendo como inspiração inicial professoras italianas da rede municipal de Bologna, que vem realizando ações na *Jornada Internacional de eliminação da Violência contra a Mulher*, realizada mundialmente no dia 25 de novembro (SILVA, 2018).

Trata-se de um movimento ainda incipiente, mas que aponta caminhos para refletirmos sobre a emergência de uma pedagogia da infância feminista, a partir do desdobramento de um estágio de cooperação internacional que tem no percurso a

estética da infância, pedagogias da maravilha, ao horror dos feminicídios e as luta transnacionais das mulheres (SILVA, 2020).

No contexto da pandemia do COVID 19, durante o ano de 2020, realizamos uma série de *lives*² no nosso canal no youtube, para discutirmos a Divisão Sexual do Trabalho, problematizando a dimensão do cuidado, o trabalho precarizado e o conceito de precariado da massa de trabalhadoras/es, passando pela questão LGBTI+ e os feminismos, ao movimento político *Somos todas Professoras*, à questão eleitoral 2020, com ênfase nas campanhas feministas que vêm se posicionando na defesa dos direitos à infância e à educação.

Nessa direção que também nos posicionamos pública e politicamente, com o nosso *Manifesto Furioso* com o Fórum Paulista de Educação Infantil - FPEI, no caso da menina de 10 anos no Espírito Santo, estuprada pelo tio e assediada – conforme ampla cobertura da mídia³-, pela ministra Damares Alves, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a não ter seu direito ao aborto garantido, conforme a legislação em vigor. Buscando evidenciar o nosso horror e repúdio contra a cultura do estupro e à necropolítica bolsonarista, tragicamente exacerbada durante a pandemia do COVID 19.

² Todas as lives estão disponíveis no canal Gepedisc Culturas Infantis do youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCYWrfyJkXUIZMbDmwqPvmvQ/videos?view=0&sort=da> Acesso em: 01 mar. 2021.

³ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/ministra-damare-alves-agiu-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos.shtml> Acesso em: 01 mar. 2021.

Imagem 2: *Manifesto Furioso*, ação política no campo da extensão e articulação do Grupo de Pesquisa com os Movimentos Sociais.

MANIFESTO FURIOSO

ABORTO LEGAL, SEGURO E GRATUITO: "GRAVIDEZ AOS 10 MATA!"

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC linha Culturas Infantis), comprometido com a defesa de uma educação pública, gratuita, laica, de qualidade, antirracista, antimachista, antilutista, antifascista e antiadulocêntrica que respeite os direitos das crianças, **manifesta extremo repúdio e indignação** a respeito de mais um caso de abuso sexual no cenário brasileiro: uma criança-menina de dez anos teve seu corpo violado e todos os seus direitos básicos desrespeitados após ser estuprada e ser engravidada pelo seu tio.

Neste caso atual, aumentaram a violência, pois seu nome foi divulgado por uma mulher desumana, maldosa, antiética, imoral e inescrupulosa que violou profundamente o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, seu caso ficou destacado e sua integridade foi duramente questionada por fundamentalistas. Mesmo após uma sequência de atrocidades com seu corpo, foi chamada de assassina por interromper a gravidez, advinda de violência.

Após vencer uma batalha travada judicialmente para realizar um aborto legal, teve seu nome divulgado nas redes sociais e foi coagida em frente ao hospital em que estava internada, por extremistas de direita e religiosos/as, partes do movimento "Pro-Vida", que defendem o nascimento, mas violam direitos de mulheres vivas. Este episódio sórdido teve grande repercussão nas mídias sociais e nos jornais, no entanto, **os casos de crianças-meninas abusadas sexualmente são recorrentes e em sua grande maioria não são notificados.**

O óbvio precisa ser repetido: uma criança-menina de dez anos não possui estruturas físicas e psicológicas para ser mãe. E nenhuma criança-menina, jovem ou mulher devem ser obrigadas a terem um/a filho/a do seu estuprador!

A criminalização do aborto – defendida em larga escala por líderes religiosos/as e extremistas – é a base que institucionaliza a relação direta entre a realização do aborto e o "homicídio". A legislação que garante a interrupção da gravidez nos casos de estupro perde sua legitimidade para grupos que defendem a todo custo a continuidade do resultado da violência. O fanatismo, baseado em concepções que adotam a moralidade como máxima, ignora a infância, os direitos das crianças e a necessidade de a criança-menina/mulher decidir sobre seu corpo. É consideram que o nascer é mais importante do que viver com dignidade, o que sobrepõe aos direitos constitucionais de toda pessoa.

O presente manifesto se junta na luta pelos direitos das crianças-meninas e das mulheres vítimas de abuso sexual e que tem suas VIDAS AMEAÇADAS também pelos grupos que defendem a "moral e os bons costumes". Portanto, **defendemos o aborto seguro, legal e gratuito.** Os altos números de abortos clandestinos encaminhados para o Sistema Único de Saúde (SUS) revelam a urgência desta luta.



Fórum Paulista
de Educação Infantil



GEPEDISC
Linha – Culturas Infantis



Instituto de
Educação

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sociocultural – linha Culturas Infantis

Fonte: Acervo pessoal.

ENTRELAÇANDO OS FIOS DA PESQUISA, DAS PEDAGOGIAS E DAS POLÍTICAS: TRAMAS E DRAMAS DE LUTA ENREDAM A EDUCAÇÃO INFANTIL QUE TEMOS E QUE QUEREMOS, PARA QUE SERVE A UTOPIA?

Por fim, encerramos reforçando que compreendemos o entrelaçamento da pesquisa, das pedagogias e das políticas, como fundamentais na história da Educação Infantil brasileira, fios de tramas e dramas de luta, sobretudo forjadas nas pesquisas acadêmicas, que são mobilizadas no cotidiano das redes públicas e potencializadas nos movimentos sociais.

Nesta perspectiva, ressaltamos a importância política dos Fóruns de Educação Infantil, movimento social potente que nos coloca constantemente questões do passado no presente e que inevitavelmente nos remete ao futuro, ao se posicionarem coletivamente na luta pelos direitos à infância e à educação.

Em especial, destacamos a atuação do Fórum Paulista de Educação Infantil, em que pesquisadoras/es do Gepedisc Culturas Infantis vêm participando ativamente, do seu comitê gestor, assim como dos COPEDI's (Congresso Paulista de Educação Infantil), realizados periodicamente, que no contexto da pandemia do COVID 19 vêm produzindo debates, novos conhecimentos, manifestos políticos de resistência contra a barbárie generalidade que vivenciamos com o governo Bolsonaro e a necropolítica institucionalizada.

Tanto o manifesto "Educação Infantil em tempos pandêmicos: bebês e crianças não cabem em PROTO sem COLOS" (março de 2021, com mais de 250.000 mortos), como "Vamos Voltar? AGORA NÃO!!!" (meados de 2020, quando tínhamos aproximadamente 50.000 mortos), posicionaram-se publicamente como movimento social, conclamando todes à luta pela vida, das crianças, suas famílias, professoras/es e demais profissionais.

A partir desta realidade dramática que atravessamos, questionamo-nos nestes tempos sombrios diante dos desmesurados ataques e desmonte da ciência e tecnologia em nosso país, com retrocessos incomensuráveis e perda de direitos, como estamos traçando nossos fios da pesquisa, na resistência e luta ou na conformação reformista? E se estamos enredando a Educação Infantil que temos e a que queremos em defesa dos direitos das crianças, em suas especificidades e potencialidades para viverem suas infâncias, lembrando a chamada do poeta que fazia política com sua arte: para que serve a utopia?

E pensando na poética revolucionária do grande Eduardo Galeano, finalizamos referenciando uma das suas mais belas crônicas, que revela a perspicácia da sua percepção a respeito do mundo, em constante movimento e reverência às mulheres, parafraseando Rosa Luxemburgo, mulheres que se movimentam, sonham e rompem as correntes que as prendem.

Léolo, o personagem do belíssimo filme de Jean-Claude Lauzon, cercado pela loucura e pelo horror, repetia:
Porque eu sonho, não estou louco,
Porque eu sonho, eu não sou...
Galeano compartilha conosco um mundo louco, mas cheio de dignidade e sonhos.
Esta seleção deveria ser feita, então por meio do sonho e da poesia.
Cada mulher representa todas as mulheres. Todas elas nos salvam da loucura.

Porque Galeano escreve, eu sonho, porque sonho, eu não sou...
(Apresentação do livro *Mulheres*, de Eduardo Galeano, 2019, por Eric Nepomuceno e Sergio Faraco)

Nada causa mais horror à ordem do que mulheres que sonham e lutam!!!
(José Martí)

Imagem 3: Encontro de pesquisadoras do Gepedisc Culturas Infantis – Ana Lúcia Goulart de Faria e Adriana Alves da Silva com Eloisa Acires Candal Rocha e Ana Beatriz Cerisara (in memoria) pesquisadoras do NUPEIN, após evento acadêmico realizado na FAED UDESC. Florianópolis, 2015.



Fonte: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo. Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

AVILA, Maria Jose Figueiredo. **As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e educar**: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP. 2002. 297p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2002.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor e por Força**: a Rotina na Educação Infantil. 2001. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.

BARREIRO, Alex. **Legisladores do desejo**: uma etnografia das diferenças na educação infantil a partir dos debates da ideologia de gênero. 2019. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2019.

BARREIRO, Alex; CAVALCANTE, Nélia Aparecida da Silva; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (orgs.) **Pesquisas e Pedagogia**: educação para as diferenças. Uberlândia/MG: Edições Navegando, 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BUFALO, Joseane Maria Parice. **Nem só de salário vivem as monitoras**: Um estudo no sindicato dos trabalhadores da Prefeitura de Campinas. 2009. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

BUFALO, Joseane Maria Parice. **Creche**: lugar de criança, lugar de infância: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas. 1997. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1997.

CANAVIEIRA, Fabiana Oliveira. **A educação infantil no olho do furacão**: o movimento político e as contribuições da sociologia da infância. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2010.

CARVALHO, Ana Maria Orlandina Tancredi. **Políticas nacionais de educação infantil**: Mobral, Educação pré-escolar e a Revista Criança. 2006. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

CERISARA, Ana Beatriz. **A construção da identidade dos profissionais e educação infantil**: entre o feminino e o profissional. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

DIAS, Lara Simone. **Infâncias nas brincadeiras: um estudo em creche pública e em creche privada de Campinas**. 2005. Mestrado (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

DRUMMOND, Viviane. **Formação docente para educação infantil**. 2014. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2014.

FAGUNDES, Magali dos Reis. **A Creche no Trabalho. . . O Trabalho na Creche**. 1997. Mestrado (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero no Brasil: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**. Campinas, p.279-287, jan/jun, 2006.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia A.; FARIA, Ana Lúcia. **Creche e Feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, São Paulo: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2015.

FINCO, Daniela; SILVA, Adriana A.; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Dossiê: Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, 2018.

FÓRUM PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Educação Infantil à distância**: um terraplanismo pedagógico? São Paulo, 2020a. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/FPEISP/photos/pcb.1677452425727589/1677432812396217/?type=3&theater>> Acesso em: 16 jul. 2020.

FÓRUM PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Manifesto público**. Vamos Voltar? AGORA NÃO! São Paulo, 2020b. Disponível em: <<https://sindsepsp.org.br/noticias/educacao/manifesto-do-fpei-vamos-voltar-agora-nao-5544>> Acesso em: 21 jul. 2020.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: L&PM, 2019.

GEPEDISC CULTURAS INFANTIS E FPEI. **Manifesto furioso**. Campinas: Unicamp, 2020.

GEPEDISC – Culturas Infantis. **Culturas Infantis em creches e pré-escolas**: estágio e pesquisa. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

GEPEDISC – Culturas Infantis. **Infâncias e Movimentos Sociais**. Campinas: Leitura Crítica, 2015.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Desenhos de Outrora, Desenhos de Agora**: os desenhos das crianças pequenas no acervo de Mário de Andrade. 2004. Doutorado (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Lápis Vermelho e de Mulherzinha**: Desenho Infantil, Relações de Gênero e Educação Infantil. 1997. Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

JUNQUEIRA, Maura Hess. **Cuidados com o corpo**: permanência, resistência e inovação nas práticas pedagógicas numa creche pública municipal de Itatiba/SP. 2016. Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

MACEDO, Elina. **Crianças pequenininhas e luta de classes**. 2016. Doutorado (Doutorado em Educação – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

MALAGUZZI, Loris. As Cem Linguagens da Criança *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999. v.1.

NOAL, Miriam Lange. **As crianças Guarani/Kaiowá: o mitã na Aldeia Pirakuá/MS.** 2006. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

NUNES, Benedito. Prefácio: A Antropofagia ao alcance de todos. *In: A Utopia Antropofágica de Oswald de Andrade.* São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

PIRES, Maria Cristina de Campos. **O som como linguagem e manifestação da pequena infância:** Música? Percussão? Barulho? Ruído? 2006. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em educação infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. 1999. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

ROSA, Clelia Virginia. **A Creche Como um Lugar de Encontro:** Um estudo sobre o encontro das diferentes camadas sociais em uma creche de empresa privada. 2009. Mestrado (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. **A Organização do Trabalho Pedagógico na Ciranda Infantil do MST:** Possibilidades e Contradições. 2016. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

SANTIAGO, Flávio. **Eu quero ser o sol!; (Re)interpretações das intersecções entre o processo de racialização e as relações de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0-3 anos.** 2019. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.

SANTOS, Solange Estanislau dos. **As crianças invisíveis nos discursos políticos da educação infantil:** entre imagens e palavras. 2015. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2015.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:** um estudo de professores em creche. 2005. Doutorado (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCHIFINO, Reny Scifoni. **Direito à creche:** um estudo das lutas das mulheres operárias no município de Santo André. 2012. Mestrado (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

SILLER, Rosali Rauta. **Crianças, infâncias e migrações:** a vez e a voz das crianças migrantes. 2011. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

SILVA, Adriana Alves da. **A Estética da Infância no Cinema**. 2014. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2014.

SILVA, Adriana Alves da. Niunamenos: feminismo, pedagogias e poéticas da resistência. Dossiê Feminismo em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, p. 221-234, jan./jul. 2018.

SILVA, Adriana Alves da; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. **"Isso aí é Rachismo!"** Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para Pedagogias descolonizadoras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SILVA, Adriana Alves; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. Lute como uma menina! O verbo é lutar deste o nascimento na vida de meninas e mulheres. *In*: ALVARENGA, Marcia Soares; TAVARES, Maria Tereza; MACHADO, Rita Fraga. (orgs.) Dossiê Rosa Luxemburgo, mulheres, liberdade e revolução. **Revista Historiæ**, Rio Grande, v. 10, n. 1, p.59-82, 2019.

SILVA, Adriana Alves da. Niunamenos: feminismo, pedagogias e poéticas da resistência. Dossiê Feminismo em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, p. 221-234, jan./jul. 2018.

SILVA, Adriana Alves da; MACEDO, Elina. Creche: uma bandeira da despatriarcalização. *In*: **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações femininas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 145-162.

SILVA, Anamaria Santana. **A professora de Educação Infantil e sua formação Universitária**. 2003. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

SILVA, Marta Regina Paulo da. **Linguagem dos quadrinhos e culturas infantis: 'é uma história escorridinha'**. 2012. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

SILVA, Peterson Rigato; SILVA, Tassio Jose; FINCO, Daniela. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. **Cadernos Pagu** (58), Campinas, e205815, jan./jun. 2020.

TELES, Maria Amélia Almeida; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (orgs.) **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade! São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

NOTAS

O GEPEDISC CULTURAS INFANTIS CELEBRA OS 30 ANOS DO NUPEIN: POR UMA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA À BRASILEIRA!

Gepedisc Culturas Infantis celebrates the 30th anniversary of NUPEIN: for the Brazilian Childhood Pedagogy!

Ana Lúcia Goulart de Faria

Doutora em Educação, pós doc Università di Milano Bicocca
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
São Paulo, Brasil
cripeq@unicamp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1886-3790>

Adriana Alves da Silva

Doutora em Educação
Docente colaboradora da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC
Florianópolis, Brasil
silvadida07@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1407-783X>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Av. Madre Benvenuta, 2007. Itacorubi, CEP 88.035-901, Florianópolis, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. L. G Faria; A. A. da Silva

Coleta de dados: A. L. G Faria; A. A. da Silva

Análise de dados: A. L. G Faria; A. A. da Silva

Discussão dos resultados: A. L. G Faria; A. A. da Silva

Revisão e aprovação: A. L. G Faria; A. A. da Silva

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir

contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 09-03-2021 – Aprovado em: 23-08-2021